

01/01/2019 15:10 - Governo Bolsonaro mantém relação crispada com a imprensa



Os jornalistas que cobrem Brasília foram surpreendidos na semana passada com a mudança de regra que o novo Governo estabeleceu para a cobertura da posse do presidente eleito Jair Bolsonaro. Alegando questões de segurança, o staff de Bolsonaro limitou o espaço para o trânsito dos repórteres que terão de se adaptar a uma jornada mais engessada inclusive reduzindo a possibilidade de entrevistas com as autoridades presentes, uma etiqueta rotineira nas trocas de poder ao longo da democracia brasileira. Erro de cálculo do novo Governo ou uma maneira de Bolsonaro marcar posição do que será seu estilo a partir de agora perante a mídia? Eis a questão. O presidente que assume nesta terça já deu todas as indicações que trará uma relação crispada com a imprensa durante seu Governo, seguindo o estilo dos mandatários com quem se alinha, como Donald Trump ou o húngaro Viktor Orbán.

Trump se notabiliza por seus ataques públicos a alguns meios de televisão, como a CNN. Já o primeiro ministro da Hungria adotou uma linha mais radical, ao mudar regras no setor de mídia, que sufocaram financeiramente os jornais húngaros – comprados posteriormente por empresários alinhados a Orbán –, e reduziu verbas publicitárias de estatais para veículos que o questionam. A priori, Bolsonaro estaria mais para Trump, muito embora já tenha adiantado que vai reduzir também a publicidade do Governo para alguns jornais para retaliar sua atuação. Seu alvo principal é a Folha de São Paulo, que publicou reportagem em plena campanha eleitoral sobre empresários bolsonaristas que estavam bancando campanhas digitais anti-PT, comprando disparos em massa no Whatsapp. “A mamata da folha de São Paulo vai acabar, mas não é com censura não! O dinheiro público que recebem para fazer ativismo político vai secar”, atacou Bolsonaro, que recorreu ao bordão “fake news” para qualificar a matéria assinada pela jornalista Patricia Campos Mello. A repórter acabou sendo alvo até de processo do presidente eleito, assim como os acionistas da Folha.

A fúria de Bolsonaro acabou contaminando seus seguidores que perseguiram Mello nas redes com mensagens ofensivas e até ameaças a seus familiares. “Vaca filha da puta” era o mais comum entre as mensagens”, conta a jornalista, que teve ainda seu WhatsApp hackeado e foi alvo de mentiras na rede, como a de que foi obrigada a pagar 200.000 reais para o presidente eleito.

O método do novo Governo antes mesmo de assumir oficialmente tem sido desestabilizar os repórteres e jornais que possam fazer críticas a sua conduta, de modo a relativizar qualquer notícia negativa. A investida ficou ainda mais evidente depois da notícia de Fabrício Queiroz, o ex-assessor de Flávio Bolsonaro que atuava na Assembleia Legislativa do Rio e que fez operações financeiras acima de seus ganhos, coincidindo com as datas de pagamento na Casa. A notícia veio à tona no dia 6 de dezembro e deixou uma sombra atrelada ao nome dos Bolsonaro. O staff ligado ao presidente eleito repete a estratégia. “Petista é o oxíuris e grande parte da mídia é o ‘cancro!’”, tuitou o vereador pelo Rio, Carlos Bolsonaro. “A única diferença é o combate padrão: doses de verdade mais corte de verbas e os ‘problemas’ se resolverão!”, ironizou o filho do presidente eleito em tom de ameaça.

Carlos expôs seu desprezo pelo trabalho de jornalistas ao fazer críticas públicas no dia 30 de novembro ao repórter Bruno Abbud que preparava um perfil seu para a revista semanal Época. “Um jornalista chamado BRUNO ABBUD, está vasculhando toda minha vida desde que tinha 11 anos de idade, tentando contato com quem até nunca ouvi falar com o pretexto de escrever um ‘perfil’ meu. Bom trabalho a ele. Peço que não deem bola, pois sabemos as derivações!”

Em questão de segundos, Abbud tinha a caixa de mensagens lotada de ofensas. Seu crime: seguir a aula básica de jornalismo de entrevistar pessoas próximas a um personagem que será perfilado para ouvir opiniões a respeito dele. As grosserias virtuais foram tantas que Abbud decidiu registrar um boletim de ocorrência contra alguns seguidores. “Já havia recebido críticas a meu trabalho nas redes, faz parte. Mas nunca havia visto o filho de um presidente eleito jogar meu nome no Twitter e abrir a porteira para que eu fosse atacado”, diz Abbud, jornalista há dez anos.

Mas nem toda a mídia tem sofrido esse tratamento. Veículos mais afinados com o presidente eleito têm ganho predileção para entrevistá-lo. No caso da posse, por exemplo, alguns profissionais desses meios receberam convites VIPs para se movimentar por todos os pontos em que Bolsonaro circular – prática que contemplava todo os veículos até 2014.

Fonte: Carla Jiménez - El País Brasil

Notícias RO